

X ENAPOL

O NOVO NO AMOR

Modalidades contemporâneas dos laços

Erótica do amor virtual

Dupla: Gloria Aksman, Carolina Rovere.

Integrantes: Silvia Bermúdez, Gloria Casado, Ana Rosa Concaro, Nicolás Katzer, Mónica Lax, Juan Pablo Mollo, Marisa Moretto, Beatriz Nannini, Gabriela Ratti, Laura Seppi, Sabina Serniotti, Ana Simonetti, Alejandra Sosa Escalada, Eduardo Suárez, Lucila Tavenier.

1. Introdução

Definir a erótica do amor envolve diferentes vertentes tanto da erótica como do amor. Sabemos que, como antecipou Lacan, faz tempo que o discurso capitalista rege a nossa vida. Na atualidade, o efeito de sua presença põe em primeiro plano - e sem véus - que cada um está sozinho com seu gozo. A tecnociência se encarrega da oferta do deus mercado, bloqueando o caminho do amor que se encontra preso na fugacidade das relações pela internet. Desde que vivemos confinados pelo vírus, a busca de relações virtuais cresceu exponencialmente tanto como os estados depressivos.

Como o mais-de-gozar impera no campo social, o *falasser* se encontra em busca do objeto que ofereça a satisfação imediata. A virtualidade parece preencher a existência fazendo com que o encontro dos corpos já não seja mais um requisito. Mais ainda, sabemos do refúgio que implica a tela para aqueles que apresentam dificuldade no campo dos laços presenciais.

A partir da associação entre a tecnociência e o mercado, a consigna “nada é impossível” se manifesta correlativamente ao rechaço do inconsciente.

É por isso que nos interessa abordar o tema do amor virtual em nossa prática atual, na qual o confinamento nos colocou frente a um impasse: a presença do analista nos dispositivos tecnológicos.

Temos nos orientado pela pergunta se a nossa prática em formato virtual pode continuar sustentando que a psicanálise não é uma psicoterapia como as outras.

2. *O virtual*

Para uma primeira abordagem do termo “virtual”, é necessário levar em consideração que, em nossa época, o *atual* e o *virtual* se juntam numa nova afetação do tempo e do espaço: o simulacro.¹ Precisamente, o hiperdesenvolvimento dos simulacros a partir das tecnologias *Web* e o consumo por base de dados baseados em algoritmos para gerar diversas emoções permite ao japonês Azuma destacar uma evaporação das diferenças entre o autor e a cópia.² Com efeito, a produção e a exploração capitalista do semblante, de maneira inédita no mundo, acaba por substituir a própria criatividade das fantasias. A debilidade mental do ser humano se deve justamente ao fato de ele viver sempre em dois planos ao mesmo tempo, real e imaginário, ser e dever ser; sonha sua vida com os olhos abertos. As novas tecnologias se apoderam deste dato (dato) antropológico para manipular seu sonho acordado com uma precisão e uma destreza inéditas até agora.³ No entanto, o estatuto do “vidente” na virtualidade, a partir da noção de fantasma, permite à psicanálise ir além de uma sociologia das telas e da tecnologia das imagens.

Lacan explorou o domínio do virtual a partir do funcionamento da pulsão escópica com seus fantasmas correlativos e, de entrada, localiza o plano da visão como a máxima negação da castração. Lacan especifica que seu caráter esquivo é manifesto no nível da função do olho, que se generaliza uma vez que o próprio fantasma está sempre marcado por modelos visuais.³ Trata-se do idealismo do fantasma, que se constitui em defesa perante o objeto olhar propriamente dito.

Assim, as formas visuais do fantasma são agradáveis ao desejo escópico e evitam a confrontação com a inexistência do Outro.

No Seminário 11, Lacan encontra neste funcionamento o fundamento da consciência simplificado poeticamente no verso de Valery: “eu me vejo me vendo”. Trata-se simplesmente da capacidade de desdobrar-se visualmente, anulando a dimensão

¹ Derrida, J., *Ecografías de la televisión*, Buenos Aires, Eudeba, 1998, p. 19.

² Azuma, H., *Otaku*, University of Minnesota, Press Minneapolis, p. 88.

³ Miller, J.-A., “Avatar”, Entrevista en *Le Point-Paris* 10/05/2010, extraído de: https://elp.org.es/avatar_vuestro_ojo_es_subyugado_mientras/

angustiante do olhar e saturando a divisão subjetiva, tornando-a o ponto desde o qual o sujeito reflete, se pensa e pensa o mundo, replicando, cada vez, a operação cartesiana. Por isto, Lacan conclui recorrendo à etimologia de “escotoma” (do grego *skótos*, que significa: trevas, escuridão), a consciência é um verdadeiro corte produzido pelo olho que deixa fora o olhar propriamente dito, constituindo-se como princípio de desconhecimento e idealização.⁴

Vindo da fenomenologia (elementarmente é a filosofia da consciência), foi Merleau-Ponty quem se aproxima da psicanálise ao destacar que o primeiro não é o olho senão o olhar. Com essa tese, ultrapassa a tradição fenomenológica cuja fonte se inicia em Platão e tem o olho como agente condutor.

Em sua obra póstuma: *O visível e o invisível*, Merleau-Ponty descreve uma complexa fenomenologia na qual o não-todo está do lado do vidente, já que o invisível atua também no que se vê. Por essa abordagem, Lacan homenageia o fenomenólogo porque ele destaca primeiro o campo do olhar e do corpo que fica oculto pelo advento da autoconsciência como “eu me vejo me vendo”.

Desde a perspectiva do último ensino de Lacan, o olhar como *objeto a* fora-do-corpo, advém como efeito civilizador de *lalangue* e tem uma consequência de desequilíbrio do imaginário corporal porque “arrebenta a tela”.⁵

Os gozos antagônicos, *em* ou *fora do corpo* constituem uma economia no sintoma como acontecimento de corpo. A alegria na criança por assumir a própria imagem agora é a consistência mental em que se imagina como lugar no qual nada lhe falta. Ter corpo é experimentar um gozo que não tem um correlato subjetivo, nem requer do espelho. Pelo próprio mental, “o *falasser* está condenado à debilidade mental do imaginário como imaginário de corpo e imaginário de sentido”.⁶ Se, frente ao espelho, olha-se a própria imagem, não se sai da pulsão escópica, com seu voyeurismo e exibicionismo próprios do gozo fálico fora-de-corpo. É o que explora, até a consumação, a tecnociência do virtual.

⁴ Lacan, J., *El seminario, libro 11, Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, Buenos Aires, Paidós, p. 90.

⁵ Lacan, J., “La tercera”, en *Revista Lacaniana de Psicoanálisis*, N°18, Buenos Aires, EOL-Grama, 2015, p. 20.

⁶ Lacan, J., *El seminario, libro 11, Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis*, Buenos Aires, Paidós, 2010, p. 90.

O *falasser* adora seu corpo na medida em que experimenta a consistência que está articulada a sua forma.⁷ A injeção de gozo no corpo se vincula somente à escrita da consistência corporal. O olhar fascinante frente ao espelho ou à tela deve distinguir-se do Outro gozo, que é sem imagem e sem símbolo. Contrariamente, “[...] o gozo do olho [...] se torna aditivo”,⁷ porque a imagem como mais-de-gozo supõe um gozo fantasmático fora-de-corpo.

O mais-de-gozo da imagem supõe um vidente excitado em sua tela fantasmática, em uma zona de máxima idealização escópica e desconhecimento do registro do gozo próprio do corpo. O vidente expulsa o gozo no corpo e já não tem maneira de alcançar o real através das telas nem da representação porque o objeto olhar é algo que sempre *ex-siste* ao corpo.⁸

1. A erótica

No seminário A angústia, Lacan estabelece o marco a partir do qual trabalha e desde aí tentaremos seguir sua pegada:

“Eu não desenvolvo uma *psico-logia*, um discurso sobre essa realidade irreal que se chama psique, senão sobre uma práxis que merece um nome: *erotologia*”.⁹ Destacamos que é o seminário em que Lacan produz seu invento do objeto *a*, que implica ir ao encontro onde o gozo se condensa.

Quando Lacan explora a ética da psicanálise, interroga por que, no ponto em que tendo a análise introduzido uma nova perspectiva do amor, distinta à dos moralistas e filósofos, não impulsionou mais longe as coisas, no sentido da investigação do que devemos chamar estritamente uma erótica.¹⁰

É Freud quem introduz a psicanálise como uma erótica para declinar o termo em favor de uma “teoria da sexualidade”. É verdade, disse Lacan, que Freud colocou em primeiro plano da interrogação ética a simples relação do homem e da mulher. “Coisa muito singular, as coisas se limitaram a ficar no mesmo ponto”.¹¹ E avança, colocando acima da moral uma erótica, destacando que forma uma parte central desta coisa chamada

⁷ Miller, J.-A., “Avatar”, Entrevista em *Le Point Paris*, 21 de abril de 2010, extraída de: https://elp.org.es/avatar_vuestro_ojo_es_subyugado_mientras/

⁸ *Ibid.*

⁹ Lacan, J., *El seminario, libro 10, La angustia*, Buenos Aires, Paidós, 2007, p. 23.

¹⁰ Lacan, J., *El seminario, libro 7, La Etica del Psicoanálisis*, Buenos Aires, Paidós, 2007, p. 18.

¹¹ *Ibid.*

amor. “[...] Sem dúvida, falando de erótica, devemos falar do que se fomentou com o decorrer do tempo, das regras do amor”.¹²

Ainda em se tratando da vertente do ideal do amor cortês, Lacan nos situa que o interesse direto é porque seu eixo é uma erótica.¹³ É o que o artifício do amor cortês tem como objetivo.

A presença do analista

Acima de tudo, a presença do corpo do analista enquanto sexuado é o que instaura um limite no dispositivo “A copresença em carne e osso é necessária, ainda que somente seja para fazer surgir a não-relação sexual”.¹⁴ Destacar que é uma questão de corpo faz parte da virada que se produz na psicanálise do século XXI. Passagem da noção de sujeito para corpo falante.¹⁵

Com o objeto *a*, a erótica estrutura o caminho ao gozo sexual do qual o inconsciente dá testemunho, pondo a realidade sexual em ato na análise.

(...) somente os significantes copulam entre eles no inconsciente; porém os sujeitos *pathemáticos* que resultam disso sob forma de corpos são conduzidos, meu Deus, a fazer outro tanto, já “trepar”¹⁶, como chamam isso! Não é uma fórmula ruim, pois algo lhes adverte que não podem fazer mais do que chupar o corpo significado outro (...).¹⁷

Ao assinalar que a *erotologia* é o campo da práxis analítica, Lacan localiza os desvios que costumam levá-la para o campo da psicologia. Questão que é muito frequente em nossa prática com crianças, assinala Laurent, na qual a problemática é a fascinação

¹² *Ibíd.*, p. 104.

¹³ *Ibíd.*

¹⁴ Entrevista a Jacques Alain Miller: “Y cuanto más se vuelva común la presencia virtual, más preciosa será la presencia real”, disponible en: <https://nelguayaquil.org/2020/04/13/entrevista-a-jacques-alain-miller-y-cuanto-mas-se-vuelva-comun-la-presencia-virtual-mas-preciosa-sera-la-presencia-real/>

¹⁵ Miller, J.-A., “El inconsciente y el cuerpo hablante”, en *Revista Lacaniana de Psicoanálisis*, N°17, Buenos Aires, EOL-Grama, 2014.

¹⁶ *Baiser*, en la edición inédita dice “besar”, en su uso popular remite a nuestro “cojer”, preferimos dejar esta última expresión en el lenguaje local.

¹⁷ Lacan, J., Seminario 22, “R.S.I”, Clase del 11-03-75. Inédito.

pela relação mãe-filho, que faz esquecer que o lugar da criança nessa relação é o de um condensador de gozo. Nem sublimação nem educação, “é uma atividade sexual”.¹⁸
A erótica, orientando o tratamento pelo gozo, faz a própria ética da psicanálise.

4. *O que mudou*

No final de 2019, ocorreu um acontecimento planetário que mudou o curso da vida dos *falasseres*.

Como vamos dar conta desta contingência, deste real no qual a análise também viu-se afetada? Já não podemos pensar da mesma maneira, isso é claro.

Algo muda para sempre. Produziu-se uma passagem do virtual como recurso a constituir-se em uma escolha forçada. Por isso, nos interrogamos pelas mudanças ocorridas na prática.

Gustavo Dessal afirma que “[...] a psicanálise continua sendo uma práxis excepcional, posto que não requer de nenhum dispositivo para levar-se a cabo, salvo o que lhe é específico: o dispositivo da transferência”.¹⁹

Parece-nos importante então, diferenciar *dispositivo* de *modalidade*. O dispositivo é um só, os modos podem variar. Seguindo nesta linha, podemos considerar que a transferência “perfura”, não requer de nenhum algoritmo da ciência para produzir-se.

Pareceu-nos interessante interrogar diferentes experiências que se recolhem na transferência e que envolvem a modalidade virtual.

Vinhetas

a)

É o caso de uma paciente adolescente com patologia neuromotora que ocasiona uma deficiência grande nos movimentos. Proliferam, em seu dizer, fantasias amorosas nas quais não aparece em jogo o corpo sexuado.

¹⁸ Laurent, E., Conf. “Psicoanálisis con niños y sexualidad femenina”, en *¿Hay un fin de análisis para los niños?*, Buenos Aires, Colección Diva, 2005.

¹⁹ Dessal, G., *Inconsciente 3.0. Lo que hacemos con las tecnologías y lo que las tecnologías hacen con nosotros*, Xoroi Edicions, p. 16.

A pandemia foi a ocasião em que iniciou uma atividade de jogos em rede, cujo efeito foi o estabelecimento de diferentes laços. O virtual foi a oportunidade de fazer-se um corpo.

De que maneira? O jogo consiste, em princípio, na escolha de um personagem com um semblante atrativo de jovem. Ali se radicaliza, ainda mais que em qualquer outra rede social, a questão de escolher a melhor foto de cada um. A partir da configuração de seu personagem de ficção no jogo, começou a conversar e relacionar-se com diferentes pares. Nesse contexto, começou a dizer que estava em uma cadeira de rodas, sendo que, antes, nunca tinha feito menção nem à sua situação nem ao seu corpo. Isto teve diferentes efeitos: alguns continuaram jogando, outros não.

Considerando que o dado fundamental é que ela continuou jogando, vemos aqui que o uso do virtual lhe permite ter um corpo. Não faz falta oferecê-lo à imagem para tê-lo.

O caso nos ensinou uma orientação: como alguém pôde ter se servido de uma contingência para fazer-se um corpo que lhe permita relacionar-se com os demais; não todos: alguns sim, outros não.

b)

As entrevistas começam por *zoom*. Muito amavelmente e por um tempo, esta jovem, usava uns minutos para elogiar a luz que entrava pela suposta janela, de onde atende a analista, e relatava seu tormento: “a *escuridão* em seu laço amoroso”. Apagar a câmera como manobra da praticante, põe em ato “às escuras”, a posição fixa e repetitiva e seu laço ao *parceiro*. Como efeito, angústia e decisão, separa-se de seu parceiro e de certa posição masculina em seu trabalho. Aloja-se esse tempo de luto e vão se sucedendo mudanças que ela nomeia: “mudanças de atitude”.

Foi a partir dessa experiência por meios virtuais que se sintomatiza: da imagem brilhante da analista à “*escuridão*” de seu próprio gozo.

c)

A exibição de uma foto nua evita a X o rodeio semântico pela palavra amorosa que sempre lhe resultou problemática. É uma prática comum para a paciente, algo que lhe permite encontrar o “cara” da vez sem maiores problemas seja pela distância e por certo

sentimento de culpa que surgiria se deixasse sua mãe doente em casa, sem atenção. O fato de isso se transformar em uma masturbação compartilhada a deixa com um desconforto que culmina em um estado depressivo durante uma semana. Não entende o que lhe aconteceu porque “agora se faz assim”.

O uso da sexualidade virtual, “naturalizado” pelos tempos de pandemia produz uma irrupção do gozo fora de corpo que rompe a tela do imaginário corporal. A divisão subjetiva evidenciada na depressão, produz a aparição de questionamentos sobre o “se faz assim” do sexo.

O que introduz a erótica do amor virtual no dispositivo?

A Psicanálise como prática excepcional não é uma “assistência social personalizada”,²⁰ por isso entendemos, como mostram os recortes clínicos, que a transferência está aberta à contingência e essa abertura opera no sentido de provocar a redução do gozo fálico do sintoma.

Segundo Miller, para a psicanálise, a paixão pelo novo se abre uma vez superado o horror que gera a verdadeira revelação, a saber: que no *fallasser* não há acordo algum com o gozo, que esse está desprogramado. É uma maneira muito singela de dizer da não relação sexual; sendo essa a chave de uma análise.

Será então, uma aposta destes tempos, interrogarmo-nos sobre o alcance de nossa prática neste mundo que já estava saturado do virtual e que agora passou a ser nosso cenário cotidiano.

²⁰ Miller, J.-A., *Introducción al método psicoanalítico*, Buenos Aires, Eolia-Paidós, 2006, pp. 52-53.